

TESE DE DOUTORADO

VOZES SOCIAIS NA “NÃO-PESSOA”: CIRCULAÇÃO DIALÓGICA NO PROCESSO DE LETRAMENTO

Vanda Mari Trombetta

vandamtt@uffs.edu.br

Doutora em Filologia e Língua Portuguesa

Universidade de São Paulo (USP)

Orientador: Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa

Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa

Área de concentração: Linguística Aplicada do Português

Data da defesa: 08 de junho de 2017

PALAVRAS-CHAVE: objeto de discurso, vozes sociais, já-dito, letramento, redação de vestibular.

Para especificar o objeto de pesquisa, retomo o título da tese – Vozes sociais na “não-pessoa”: circulação dialógica no processo de letramento – em que o uso das aspas na expressão “não-pessoa” busca mencioná-lo. A expressão alude a uma noção tratada na Teoria da Enunciação, na abordagem de Benveniste (2005, 2006), acerca da construção de um enunciado. Para o autor, a “não-pessoa” é produto da relação intersubjetiva, estabelecida na enunciação pelo “eu” e “tu”. Ao considerar o “eu” e o “tu” presentes na “organização referencial dos signos linguísticos” (BENVENISTE, 2005, p. 278), o autor concebe que não cabe ao “ele” (não-pessoa) referir, porque não lhe é dado o atributo de ser pessoa da enunciação.

Com isso, posso dizer que, para essa perspectiva teórica, o diálogo está envolto à circunstância pragmática imediata. No entanto, em busca de reflexões, de que há outros diálogos que se somam ao diálogo imediato da enunciação referido por Benveniste, parto em investigação de uma teoria que considere a intercessão de um terceiro participante na construção de um enunciado. Para precisar esse ponto de vista, busco apoio teórico na afirmação de Voloshinov/Bakhtin (1926, s.d.) de que há um terceiro elemento que participa da interação. Instauro, desse modo, a problemática de pesquisa: aquilo que é posto na terceira pessoa, aquilo de que se fala/escreve, quando considerado como produto da interação autor/destinatário(s), traz, no necessário apelo ao já-dito, um terceiro elemento (uma terceira voz) na composição do objeto de discurso. Este último, por se constituir também a partir de um já-dito, de uma voz social, expressa uma réplica específica do locutor, de acordo com as diversas posições – as diferentes experiências sociais – que ele, na qualidade de escrevente, assume na interação.

Pensar o objeto de discurso como uma voz social é, portanto, assumi-lo como produto da réplica do locutor a destinatários (BAKHTIN, [1979] 2010a), o que permite refletir não só sobre a interação presente, mas também – constituindo-a – sobre possíveis dizeres ligados a práticas sociais recuperadas pelo escrevente. Para tanto, ao assumir a participação de um terceiro na produção de linguagem, busca-se descrevê-lo, no caso das redações de vestibular, em termos das vozes que participam dos textos dos vestibulandos e defini-las segundo práticas letradas a que o escrevente tem/teve acesso (direto ou indireto).

O quadro teórico da análise dialógica (BAKHTIN [1961-1962, 1975, 1979] 2010 *a, b, c* e o CÍRCULO), o da argumentação (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005), o das teorias do letramento (STREET, 2012b, 2014) e o paradigma indiciário (GINZBURG, 1989) são

assumidos como arcabouço teórico-metodológico do trabalho. Desse modo, são buscados os fenômenos que mobilizam o aparecimento de indícios materializados nos textos, fenômenos ao mesmo tempo ligados ao que há de específico da situação enunciativa imediata, por um lado, e aos que se mostram como elementos estabilizados nas e pelas interações ao longo da história, por outro.

O *corpus* é composto por 264 redações de vestibular do exame da FUVEST de 2006, cujo tema foi “trabalho”. Os resultados obtidos evidenciam que a construção do objeto de discurso “trabalho” é um diálogo entre três interlocutores rigorosamente presentes nessa produção escrita: o escrevente, o(s) destinatário(s) e determinadas vozes do já-dito, cujas marcas se alojam no objeto de discurso, constituindo-o e a ele se impondo.

Referências

- BAKHTIN, M. M.[1951-1953]. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a. p. 261-306.
- _____. [1924-1927]. O autor e a personagem na atividade estética. In: _____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a. p. 2-186.
- _____. [1936-1938]. O tempo e o espaço nas obras de Goethe. In: _____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a. p. 225-260.
- _____. [1975]. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 2010b.
- _____. [1961-1962]. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010c.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística I*. Tradução de Maria da Glória e Maria Luisa Neri. Campinas, SP: Pontes, 2005.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. p. 143-180.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

STREET, B. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos novos estudos do letramento. In. MAGALHÃES, I. (Org.). *Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professor*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012b. p. 69-92. 2012b.

_____. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

VOLOSHINOV, V.; BAKHTIN, M. M. [1926]. *O discurso na vida e o discurso na arte: sobre poética sociológica*. Tradução de Carlos Alberto Faraco, Cristovão Tezza, (s.d.). Tradução para fins didáticos.

Recebido em 19 de março de 2018.

Aceito em 26 de maio de 2018.